

POVO É ARTIFÍCIO: SOBRE O MOSAICO NARRATIVO DE LUIZ RUFFATO

— NATHALIA ELISA COLLI

É bastante comum que a ideia de *mosaico narrativo* apareça na literatura como uma espécie indeterminada de jogo, que se desloca horizontalmente do escritor para o leitor: mosaico é também a maneira como Davi Arrigucci definiu a *Valise de cronópio* de Cortázar, onde a proposta ficcional de *Rayuela* teria invadido todo aparato crítico dos textos elencados na seleção, quase como se este fosse o critério dos organizadores do livro: encontrar o ponto em que o autor de romances experimentais transfere ao contorno de suas análises os recursos da prosa. O conjunto de ensaios ali reunidos por Arrigucci e Haroldo de Campos promove à leitura o prazer duplo que coincide entre a palavra e o brincar. Por este mesmo caminho, ainda que o privilégio esteja na diferença, não em suas semelhanças, podemos propor uma leitura de outro autor, mais contemporâneo e mais próximo de nosso chão nacional, como é o caso de Luiz Ruffato. Claro que indicar um mosaico narrativo que se desdobre por toda a obra deste segundo autor não é lá uma das tarefas mais óbvias como quando estamos diante do autor de *Rayuela*. O peso do tema, a tarefa sempre tão nobre de narrar os pobres na literatura brasileira, talvez afaste a brincadeira de uma leitura que se queira crítica.

Ruffato nasceu em 1961, em Cataguases, interior de Minas Gerais. Ainda na adolescência, se formou no SENAI, em Minas, tendo em vista o trabalho operário que florescia no país. Já na faculdade, se afasta da carreira de trabalhador-padrão para habitar o mundo das letras, se formando em Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. Trabalhou como cronista e colaborou com artigos para muitos jornais, principalmente nos anos 90, quando publicou textos sobre literatura e crítica literária, com destaque para a sua passagem pela *Folha de São Paulo*. Estreou na prosa como contista com o livro *Histórias de remorsos e rancores* (1998), seguido por *(os sobreviventes)* (2000), ambos incorporados posteriormente ao projeto de *Inferno provisório*

(2016). Os contos, gênero no qual também podemos incluir o romance, tinham como tema central pequenas histórias cotidianas de pessoas pobres, comuns, pairando sobre algum canto do sudeste brasileiro. Canto este que aos poucos vai tomando o contorno de uma cidade-protagonista: Cataguases é o espaço habitado pelas personagens por excelência.

O traço quase autobiográfico perde pessoalidade e ganha o caráter de literatura através de um laço peculiar entre essas histórias menores. Por histórias menores podemos entender histórias cotidianas de sujeitos absolutamente anônimos, que são parte do que denominamos povo. Neste sentido é que o povo retratado por Ruffato é antes um artifício da linguagem e menos uma imagem uniforme da realidade. A alegoria perde um pouco o terreno, fazendo das personagens um experimento da narrativa, como se o autor buscasse, com alguma obsessão, a forma de narrar a anomia social através de condições subjetivas muito apequenadas. O efeito de tal critério narrativo oscila um tanto, pois é difícil deter o que exatamente transforma a vivência daquelas personagens em experiências narráveis. Talvez o artificial esteja justamente aí, onde a caneta forja sempre mais o ideário de um povo, já perdido há tempos, sem apontar dentro da economia da obra a onde se quer chegar. Não é apenas a matéria social que vaga, mas a própria narrativa.

O desejo de transformar a vida pessoal em literatura é comum aos chamados escritores proletários, com os quais Ruffato se identificou no começo da carreira. É o caso do italiano Vasco Pratolini, também filho de trabalhadores, ele mesmo operário e depois jornalista. Em suas *Crônicas de pobres amantes* (1946), a vida de um cortiço se enreda entre o florescimento urbano (ainda incipiente) e a tradição do campo (ainda muito viva), retratando o desamparo pessoal da vida dessas pessoas que tentam correr para acompanhar o curso do mundo, mesmo quando muito contrariadas no abandono de suas tradições e desejos. Poderíamos citar muitos exemplos dentro dessa literatura; no Brasil, elas também não nos faltam, onde o problema central da vida de um sujeito que escreve se transforma em mote narrativo. Como imagem, fica João Antônio em seu *Malagueta, Perus e Bacanaço* (2004). A distância, porém, entre um narrador proletário, como o de Ruffato, e aqueles mencionados acima, parte, em princípio, de seu próprio contexto histórico, em que o declínio da sociedade do trabalho dá o tom melancólico e fatalista de suas personagens, sem o ar desenvolto da malandragem, quase apáticos, tão desorientados e receosos quanto qualquer sujeito contemporâneo. Aliás, talvez decorra daqui, desse sentimento catastrófico do mundo, seu traço realista, não necessariamente o que narram os habitantes da

Cataguases ficcionalizada, mas como nos narram suas ilusões e remorsos. Em *Eles eram muitos cavalos* (2001), por exemplo, a fragmentação do texto em 69 episódios busca incansavelmente pela polifonia de vozes anônimas num dia comum na cidade de São Paulo – essa busca incessante pela voz do narrador pode ser lida como uma busca literária pela linguagem capaz de atingir o cerne daquilo que um dia foi o povo brasileiro. É como se todos os personagens que caminham por uma cidade grande, cheios de desilusões e traumas, estivessem sozinhos e sofressem sozinhos a dor coletiva de um país que ficou na promessa. Mal temos tempo de nos habituar com a voz de um personagem, já estamos no ritmo de outra, diante de milhares de problemas pessoais que poderiam ser elencados como o problema histórico, universal de nosso tempo, mas que não chegam ao ponto de tomar esse contorno, ao menos não imediatamente. O encontro com a totalidade do sofrimento social desses personagens escapa ao narrador, aos muitos narradores, escapa ao leitor, que aos poucos se dilui no dia a dia dessas histórias. Em *Inferno provisório* (2016), esse presente que não passa, essa contínua fumaça de futuro acomete também a todos, todas as histórias são repetíveis, excessivamente banais, todas falam sobre o tempo, mas como falam? Do que falam exatamente essas personagens? Algo na literatura de Ruffato insiste no povo enquanto artifício de linguagem, como se, ao narrar essas dezenas de histórias, o autor nos dissesse: perdemos. Não nos diz o que perdemos, mas a unidade, a passagem daquelas pequenas narrativas para a compreensão do todo, talvez apareça como algo com o que sonhávamos coletivamente e que ficou para trás. A fragmentação, portanto, fala por si. Ainda que fragmente o sempre igual, daquilo que um dia nós concebemos enquanto nação, o fragmento cumpre papel decisivo em nossa própria consciência social danificada, encontra o tempo do mundo, mas encontra pelo artifício, pelas beiradas.

Nesse sentido, o último romance de Ruffato dá continuidade ao movimento iniciado com os contos: Oséias, personagem central de *Verão tardio* (2019), reflete entre o transe e a vertigem^[1] a anomia subjetiva e social do Brasil contemporâneo. O narrador amadurece seu tom realista ao passo que experimenta muitas formas para alcançar a matéria nacional contemporânea, como se os altos e baixos de sua literatura nos comunicassem um entrave da linguagem que acompanha o curso da vida, cada vez mais amesquinhada, cada vez mais difícil de ser narrada. Para a revista *Magma*, temos agora um conto inédito que se retira para um outro horizonte, um horizonte além mar, ainda contemporâneo, mas que restabelece a angústia da periferia como a imagem decisiva da angústia do centro de uma

[1] O termo é de Rodrigo Nunes, que nos faz retomar o cinema entre Glauber Rocha e Petra Costa como sintoma de nossa socialização.

sociedade em vias de esgotamento. Foi brincando com a forma literária que este escritor proletário alcançou o solo social, não o inverso. É dentro da literatura e fora da vida que Ruffato comunica, esse é seu estado de graça.

NATHALIA COLLI — Formada em Filosofia pela Unifesp e mestranda do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, onde desenvolve pesquisa sobre o romance *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato, financiada pela CAPES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CANDIDO, Antonio. “Na noite enxovalhada”. *Remate de Males*, v. 19, p. 83–88, 2012.

PRATOLINI, Vasco. *Histórias de pobres amantes*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RUFFATO, Luiz. *Histórias de remorsos e rancores*. São Paulo: Boitempo editorial, 1998.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.

RUFFATO, Luiz. *Inferno provisório*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. *Verão tardio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.